

A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA - CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Proprietário e diretor — *Atilio Marques*

Redação, administração e tipografia, RUA DA BARROCA, 94, 2.º — Impresso na RUA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 147, a 151

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

Lisbôa-Portugal

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Administração

PREÇO 40 RÉIS

FILOSOFISMOS SOCIALISTAS

O facto mais em evidencia este mez, a arquivar em nossas colunas, foi sem duvida a resolução que os socialistas tomaram de não admitir no *seu* congresso delegados de associações de orientação anti-parlamentar.

A que veio esta disparatada resolução quando a um congresso em que colaborassem todas as organizações interessadas na luta economica, competia definir a tática a seguir sobre os multiplos assuntos que se prendem com a vida operaria?

Um golpe de vista para o passado talvez nos esclareça.

Faltos de logica e de criterio, faltos de vergonha e de principios, os socialistas que se dizem partidarios do sistema economico de Marx, é assim que teem passado a sua existencia partidaria.

De incoerencias e de baixezas que se refletem, embora pouco, no seio do povo que eles teem pretendido educar e orientar, é assim que teem caminhado atravez a vida acidentada da sociedade portugueza.

Sem uma orientação segura, persistente e sobretudo coerente com os principios que julgam e dizem possuir, eles só nos teem dado provas da sua sistemática guerrilhice aos que fóra da obediencia a chefias e a egrejinhãs vão enveredando pela senda escabrosa do progresso das idéas.

Recorda-nos ainda da investida contra a violencia que *famosos* oradores socialistas, hoje na *disponibilidade*, desenvolveram em reuniões varias quando do atentado contra o sanguinario Canovas del Castillo. Pois não ha muito tambem que foi apresentada e aclamada uma proposta no Centro Socialista do 1.º Bairro, em que se saudava e se resolvia enviar uma mensagem ao *correligionario* Pablo Iglesias, de Espanha, pela forma como discutiu a lei sobre o terrorismo. E essa saudação justificavam-na porque Iglesias advertiu o governo espanhol de que correligionarios seus «recorreriam ao punhal, ao revolver e á dinamite» se essa lei fosse aprovada.

Essa adesão plena á violencia preconizada pelo chefe

socialista espanhol, era a incoerencia manifesta, a contradicção flagrante com as afirmações passadas. A violencia, nunca perfilhada pelos propagandistas anarquistas, ficou por esta forma advogada coletivamente pelos socialistas portuguezes.

Porque razão, pois, repudiam eles a intervenção diréta das classes trabalhadoras em todos os assuntos que as podem interessar, trazendo-lhe immediatas garantias de comodidades e bem estar, quando eles advogam um canibal terrorismo como resposta a uma apreciação governamental não traduzida em facto? Só quem superficialmente observar a *vida íntima* dos chamados socialistas portuguezes não tirará as ilações precisas, concludentes, desta flagrante contradicção.

Agora vão eles representar ao governo para que nos termos de um qualquer decreto se consulte o estado das associações de classe para que se dissolvam as que não satisficam os caprichos da lei.

Não se recordam que em 1907, no periodo mais agudo da ditadura franquista, sobre a ameaça de encerramento de todos os Centros politicos, defenderam (por planeada *intente*), a conveniencia de se encerrarem temporariamente os Centros socialistas. Receavam então que com um gesto alguém puzesse a nú qual a qualidade e a quantidade das suas associações e dos seus agremiados.

*

Um ideal impõe-se tanto mais ao respeito e á consideração das multidões, quanto os que propagam esse ideal se impozerem pela logica e coerencia de principios, harmonizando, primeiro que tudo as palavras com as ações. E' condição essencial e necessaria a todos os propagandistas para acatamento dos seus ideaes.

Ora os factos a que aludimos e muitos outros que nos abstemos referir, desde a incoerencia á falcatrúa, desde a pederastia á conivencia com os governantes em assumtos de repressão coléctiva, de todos conhecidos e nunca rasoavelmente desmentidos, tem incompatibilizado as facções marxista e possibilista com os adeptos das outras escolas socialistas. Agora mesmo lêmos que a *propagandista* Angelina Vidal enviou os seus pezames (talvez sen-

tidos), ao mentor do mais ferrenho órgão dos reacionários por um facto sucedido na redacção.

Amigos de situações que não os prejudiquem, costumados a viver dos favores dos que predominam, dentro da legalidade e da ordem, que admira que se insurjam contra os que não se coadunam com a sua obediencia nem a passividade lamentavel e que sistematicamente recusem a interferencia dos elementos discordantes receando discussão em um trabalho que bem poderia ser de interesse comum?

Não ha que ver, depois do descaramento de se apresentarem em publico, a que deviam ezimir-se pelo seu passado, mostraram-se hoje como hontem: faltos de logica e de criterio, faltos de vergonha e de principios.

Com as suas filaucias de igreja, com o seu filosofismo de escola, serão trabalhadores os *socialistas* portuguezes?!

E' justo e razoavel que se faça esta pergunta, se bem que já avaliemos a qualidade da resposta...

A Emancipação feminina

e os seus contra-argumentos

(NOTAS)

No problema da emancipação da mulher, a primeira coisa que os adversarios teem em vista, é demonstrar a inferioridade psiquica do secso feminino. Ora, como todas as provas dessa inferioridade são muito discutiveis, de difficil interpretação por complexos os fenomenos a que se referem, vae-se o tempo a apreciá-los e a questão não adeanta um passo — porque é singular que o que se pretende demonstrar está fóra do verdadeiro debate, que concerne a emancipação da mulher. A sua força fisica será — em media — menor, as suas faculdades cerebraes menos amplas, que nem por isso fica assente que a emancipação é impossivel. Era preciso ter evidenciado que essa força e essas faculdades não atingiam o minimo indispensavel á emancipação, para se possuir então um argumento; por outras palavras, era necessario provar, pelo menos, que a inteligencia, a sensibilidade e a vontade de qualquer mulher, estão abaixo das mesmas qualidades em todo e qualquer homem — pois que os feministas essencialmente o que pretendem, é tão sómente, para a mulher, os direitos que usufruem todos os homens sem distincção, á parte algum caso morbido. A quantidade de força fisica não influe nem para a lei nem para o uso; e quando a lei ficasse um limite, cientificamente medido pelas faculdades psiquicas, para a posse daqueles direitos, e quando nos houvessem demonstrado que a média da psiquia feminina não atingia esse limite, ainda assim existiriam mulheres que por escederem a média do secso e o ultimo dos homens emancipado, seriam emancipadas como eles. Ou então é uma questão de inferioridade.

Haverá alguém que negue a serio que no conjunto das faculdades, muitas mulheres são superiores a alguns homens, que a lei lhes antepõe? Se é pois uma questão psiquica, a emancipação pode ser, para alguma, ou para todas as mulheres, conforme o limite que estabelecermos. Mas como se determinará, e quem determinará, o ponto onde a emancipação é já impossivel? Serão os anti-feministas com os seus grandes argumentos científicos? Então, comecem por formular a regra, e abstraindo inferioridades de secsos, veremos depois quaes são os homens e quaes são também as mulheres, a quem pertencem certos direitos.

Nem peso de cerebro nem volume de cerebro são de resto argumentos convincentes, nem mesmo as manifestações ou não manifestações da mulher, nos dominios mais elevados do pensamento — as artes, a literatura, as ciencias, a metafisica. As condições sociaes da sua vida são muito outras que as do homem, e a diferença dos estímulos basta talvez e de sobra a explicar a grande distancia que ha entre as quantidades de produção intelectual de um ou outro dos dois secsos. Uma tribu de selvagens produz pouco intelectualmente e de qualidade inferior, que amanhã se civilize porem, que nasçam em volta dela incitamentos, e haverá descendentes dos selvagens que attingirão as maiores alturas da emoção artistica e do pensamento. Os gregos do tempo de Piricles eram descendentes de outros gregos barbaros e foram antecessores dos gregos da decadencia. Mudou a vida social, mudaram as determinantes, a ciencia subiu ou desceu, o pensamento alargou-se ou rebaixou-se. — A sensibilidade e vontade, também sofrem variantes, segundo o ambiente social, o meio de cada individuo.

Depressa chegámos pois á conclusão de que a inferioridade psiquica da mulher, difficil de demonstrar, não seria quando demonstrada uma impossibilidade á emancipação; só em certo grau seria um obstaculo que talvez se conseguisse remover, visto que uma educação perspicaz aperfeiçoa as faculdades e visto que sob pena de retrocesso não podem as nossas sociedades prescindir de melhoramentos na educação.

Mas não é uma questão de quantidade, é uma questão de qualidade; a psiquia dos secsos difere, porque as suas faculdades se poporcionam diferentemente. Admitamos que assim seja; pois só assumindo a afirmativa se argumentará com proveito contra a emancipação da mulher. Antes porem de estudar as diferenças, para ver a sua importancia, cumpre definir ao menos um pouco o ponto que se debate; então, talvez essas diferenças, por importantes que possam ser parecerão coisa secundaria.

Ponhamos de parte os maiores ezageros, recursos mais que estafados de revisteiros ou caricaturistas, — que devemos entender pelo termo «emancipação»? E' o sufragio universal com o direito para a mulher de ser eleitora e elegivel? Não vale a pena para um caso destes inquietar-se com a biologia; ha razões mais comezinhas em pró ou contra o sufragio, restrito ou universal, dum só ou de ambos os secsos. Será a egualdade legal? Francamente ha muito a dizer contra a egualdade legal dos homens numa sociedade desigualitaria, para que ás mulheres se ofereça o beneficio duma egualdade tantas vezes iniqua. Quanto a nós, a emancipação, se comporta apesar de tudo um certo numero de direitos, no codigo e na politica, é essencialmente questão economica, de direitos economicos a conceder pelo uso, com o seu reflexo, se quizerem, na lei. Antes de mais, a emancipação é liberdade de ação, liberdade de certos atos que o costume censura ás mulheres, e liberdade de ganhar a vida, independentemente, honestamente. Sejam quaes forem as condições da maior parte dos homens nas nossas sociedades de hoje, é inegavel que a mulher, na generalidade dos casos, está numa situação mais deprimente pelo que se refere aos processos de angariar a subsistencia. Se não tem fortuna propria, ou casar-se ou amancebar-se ou emfim prostituir-se, é o recurso do grande numero. O homem é quem as sustenta, logico é pois, segundo a sociedade, que seja o homem quem as domine em casa ou na vida publica, pela opinião geral ou pelo parlamento. O proletario, tão tiranisado, ainda tem um ser a quem tire, pelo menos segundo o codigo e muitas vezes segundo a pratica, — é a mulher a quem adquiriu.

(Continua)

Cesar Porto